



**Boletim do GEPLE**

**Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecológica**

**Número 2, 2020**

\* \* \* \* \*

**Programa de Pós-Graduação em Linguística  
Departamento de Linguística  
Instituto de Letras  
Universidade de Brasília**



## SUMÁRIO

### I. Introdução

### II. Teses de Doutorado e Dissertações de Mestrado defendidas na UnB

### III. Teses em andamento na UnB

### IV. Participação de Membros do GEPLÉ e do eixo Brasília-Goiânia no “The 4<sup>th</sup> International Conference on Ecolinguistics, Suddansk Universitet (Universidade do Sul da Dinamarca), Odense, Dinamarca, 12-15 de agosto de 2019.

### V. Eventos

### VI. Outras informações

\* \* \* \* \*

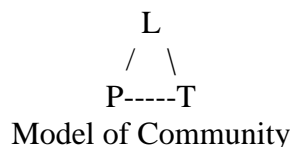
#### I. Introdução

Aqui está o segundo número do *Boletim do GEPLÉ*. Ele contém resumos das dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas na Universidade de Brasília. No próximo número, pretendemos divulgar as dissertações e teses defendidas na Universidade Federal de Goiás e em outras universidades brasileiras.

Antes de elencar as monografias propriamente ditas, é importante ressaltar que houve uma preparação para a introdução da ecolinguística na UnB, começando por menções a ela em cursos de outras disciplinas. Em termos de monografias de cunho ecolinguístico produzidas no Programa de Pós-Graduação em Linguística do LIP/IL/UnB, a história começa pela comunicação “The place of place in creole genesis”, lida por Hildo Honório do Couto no encontro da Society for Pidgin and Creole Languages, Symposium “Pidgin and creole linguistics in the 21st century”, New York, janeiro de 1998, mas o texto foi produzido em 1997. Agora ele está disponível em:

[http://www.ecoling.unb.br/images/1\\_Place\\_of\\_place.pdf](http://www.ecoling.unb.br/images/1_Place_of_place.pdf)

Nesse trabalho já há uma antecipação do ecossistema integral da língua, embora sob o nome de “comunidade” e colocando língua (L) entre a população (P) e o território (T), o que hoje se sabe que é inadmissível. Como mostra o título, a formação dos crioulos e pidgins é vista como um tipo de comunicação, ou tentativa de comunicação, como foi discutido mais pormenorizadamente na monografia que viria logo a seguir.



No ano de 1999, foi produzida a monografia de 215 páginas *Contato interlinguístico: da interação à gramática*, como resultado de um pós-doutorado que Hildo Honório do Couto fez na City University of New York do final 1997 ao início 1998, sob a supervisão de John Holm. A monografia inédita esteve disponível na internet por algum tempo, mas, sem maiores explicações, saiu do ar. Agora ela está disponível como ebook em: <http://www.ecoling.unb.br/images/e-book-Forma.pdf>

Ela já fala abertamente em ecolinguística, inclusive apresentando um breve esboço histórico da disciplina. Toda a questão do contato linguístico é vista dessa perspectiva,

ou seja, como interação, ou tentativa de interação. A monografia representa a transição do autor da crioulística para a ecolinguística.

Para mais informações sobre a história da ecolinguística em geral e no Brasil em especial, pode-se consultar o Prefácio e a Introdução ao livro *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem* (Goiânia: Editora da UFG, 2016, org. por Hildo do Couto, Elza do Couto, Gilberto Araújo & Davi Albuquerque).

A primeira dissertação a falar em ecolinguística foi a de Célia Almeida, de 2004. A segunda foi a de Fábio J. D. Melo, um ano depois (Melo 2005). No entanto, a de Fábio Melo foi a primeira a ser publicada em forma de livro no Brasil (Melo 2005) e em Portugal (Melo 2006). Assim sendo, esse livro foi o primeiro a conter uma seção dedicada à ecolinguística no Brasil.

\* \* \* \* \*

## II. Teses de Doutorado e Dissertações de Mestrado defendidas na UnB

**Célia Aparecida Faria de Almeida. 2004.** *A comunicação entre membros de uma comunidade de surdos e surdocegos de Prata-MG*. Dissertação de Mestrado, UnB.

O presente trabalho consiste no estudo da interação entre os membros de uma comunidade de surdos e surdocegos de Prata, Minas Gerais.

O estudo da comunidade é visto sob o prisma da Ecologia Fundamental da Língua (EFL). O grupo estudado forma uma comunidade de fala, na qual a língua de sinais funciona como o principal fator agregador. Sendo a comunidade de surdos minoritária e encontrando essa dissolvida numa comunidade maior, formada por ouvintes, sofre a influência dessa comunidade em três aspectos, a saber: na língua, na formação da ideologia e na constituição da identidade de seus membros.

Os surdos usam a LIBRAS, mas admitem grande flexibilidade no uso da linguagem de sinais. Isto se deve ao fato, principalmente, da heterogeneidade encontrada na comunidade, que é constituída por surdocegos e surdos de diferentes classes sociais, grau de escolaridade e, até mesmo, etnias.

Os surdocegos são surdocegos pós-linguísticos, ou seja, pessoas que se tornaram cegas depois de adquirirem a língua de sinais, sua língua materna. Dessa forma, esses indivíduos passarão a associar a LIBRAS ao tato numa espécie de multilinguismo, cujo resultado será a emergência de formas mais diversificadas do que as costumeiras, para poderem continuar se comunicando.

Demonstra-se, neste trabalho, a grande complexidade das interações entre as pessoas que formam essa comunidade, e principalmente entre aquelas que, nascendo sem audição, perderam a visão.

Devido à complexidade na formação da comunidade e das interações entre seus membros, a pesquisa se situa em diferentes campos da Sociolinguística, além de buscar apoio em outras áreas para explicar os complexos fenômenos observados. [Esta dissertação não se encontra no acervo digital de dissertações e teses da UnB. Para consultá-la é necessário procurar o exemplar impresso disponível na própria BCE, mas, como se vê, ela já era uma dissertação ecolinguística, inclusive usando o conceito de “ecologia fundamental da língua”, como era então chamado o “ecossistema integral da língua”. É ecolinguística também por enfatizar a interação e a ideia de comunidade de fala. Tudo isso mesmo antes do surgimento do primeiro livro de ecolinguística no Brasil, ou seja, Couto, Hildo (2007). *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus].

Não está disponível no acervo da BCE.

\* \* \* \* \*

**Fábio José Dantas Melo.** 2005. *O Romani dos calon da Região de Mambaí: uma língua obsolescente*. Dissertação de Mestrado, UnB.

O objetivo principal deste trabalho foi proceder à análise do estado de obsolescência do dialeto calon falado pela comunidade cigana do município de Mambaí, nordeste de Goiás, e, subsidiariamente, ao exame dos resquícios de Romani no dialeto dos Calon desta região, que, embora sejam considerados um subgrupo dos gitanos da Espanha, apresentam em seu repertório linguístico um parentesco mais remoto e inequívoco com o Romani-Vlax: sendo este, historicamente, mais próximo, no tempo e no espaço, do proto-Romani. Tive a preocupação de ir além do estudo descritivo do calon deteriorado, buscando inferir algumas peculiaridades do contato entre línguas que provocaram mudanças no dialeto deste grupo cigano, como, por exemplo, o acréscimo da vogal [i] no fim de palavras terminadas em consoantes, ilustrando assim uma tendência comum nas línguas mistas de produzir sílabas CV a fim de desfazer encontros consonantais e/ou evitar consoantes na fronteira final de palavras. Em meu corpus de palavras, tenho exemplos desta modificação: *bal*, que significa 'cabelo' em hindi, evoluiu para *bali* em calon; *plal*, 'irmão' em calo, converteu-se, no calon, em *prali*. Encontrar-se-á ainda, neste estudo, uma inquirição sobre os fatores sócio-históricos (a rejeição do modo de vida cigano por outros povos; as diásporas, os códigos tradicionais, dentre outros), psicológicos (o bilinguismo; a atitude de manter viva a língua, ou o que resta dela, etc.) e ecológicos (a situação de enclave; o tamanho da população de falantes; as alterações genéticas no sistema linguístico calon quando de sua transmissão; a vitalidade da língua...) que foram determinantes na reestruturação deste dialeto. [Esta dissertação é a primeira publicação no Brasil a conter um subcapítulo intitulado “Ecolinguística”]. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/5462>

**Nota:** Esta dissertação foi publicada como livro no Brasil (1) e em Portugal (2):

(1) Fábio J. Dantas de Melo. 2005. *Os ciganos calon de Mambaí: A sobrevivência de sua língua*. Brasília: Thesaurus. Esta edição do livro foi resenhada por Flôrencia Ferrari (Antropologia Social/PPGAS-USP), em *Cadernos de campo* n. 16, 2007, p. 267-268. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50069/55698>

(2) Fábio J. Dantas de Melo. 2006. *Os ciganos calon de Mambaí: A sobrevivência de sua língua*. Porto: Arca das Letras.

\* \* \* \* \*

**Djiby Mane.** 2007. *Os crioulos do Golfo da Guiné: quatro línguas diferentes ou quatro dialetos de uma mesma língua?* Tese de Doutorado, UnB.

Resumo: O são-tomense, o angolar, o principense e o fa d’ambu são variedades crioulas faladas no Golfo da Guiné. Elas são faladas em três ilhas: o são-tomense e o angolar, na ilha de São Tomé; o principense, na ilha do Príncipe e o fa d’ambu, na ilha de Anobom. Os quatro crioulos são todos de base lexical portuguesa e a gramática das línguas de substrato é da família bantu e dos grupos kwa e oeste-bantu. Hoje, afirma-se que essas quatro variedades tiveram uma ligação em tempos passados e foram afastando-se devido a vários fatores, tais como contato de línguas entre portugueses e africanos e surgimento de novas áreas geolinguísticas. Mesmo acreditando-se ter uma história de origem comum, a escravatura, coloca-se a dúvida de saber se se trata de línguas diferentes ou dialetos de uma única língua. Na tentativa de averiguar se o são-tomense, o angolar, o principense e o fa d’ambu são quatro línguas diferentes ou quatro dialetos

de uma mesma língua, procedemos a uma descrição fonológica de cada uma dessas variedades, estabelecendo um estudo comparativo entre seus respectivos segmentos e, por fim, as suas respectivas estruturas silábicas. Além do aspecto fonológico, foram tomados em consideração os fatores sócio-históricos e socioculturais. A partir deste conjunto de considerações, acreditamos que os quatro crioulos são dialetos do são-tomense. [Há um longo capítulo intitulado A ECOLOGIA LINGUÍSTICA DO GOLFO DA GUINÉ, com o subcapítulo “Considerações sobre a ecolinguística”]. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/3078>

\* \* \* \* \*

**Fábio José Dantas de Melo.** 2008. *A língua da comunidade calon da região nortenordeste do estado de Goiás*. Tese de Doutorado, UnB.

A presente tese constitui-se no primeiro esforço acadêmico de confirmar, por intermédio da pesquisa linguística, a relação genética entre línguas pertencentes a uma mesma família (o subgrupo calé) do romani, a língua original do povo cigano. O trabalho evidencia a continuidade entre o proto-romani europeu e o dialeto calon, oferecendo dados da história interna desta língua obsolescente, que nos permitem entender a língua da comunidade calon de Mambaí como uma “subespécie”, ou seja, uma população de uma espécie ancestral (o romani) que migrou da Índia, nos primórdios do milênio passado, e chegou à área geográfica brasileira ainda no período colonial de nossa história. Apresentando registros do caló colhidos na Espanha com registros do calão, extraídos de obras de referência da Biblioteca Nacional de Lisboa, juntamente com o trabalho de campo com ciganos portugueses de hoje e com ciganos brasileiros, entrego à comunidade chefiada pelo Sr. Dálcio uma primeira documentação do calon e de aspectos culturais subsistentes. Por fim, a estruturação do vocabulário calon em campos semânticos, que respondeu à necessidade primeira de elaboração de um dicionário, possibilitou também a compreensão do impacto sofrido por estes ciganos ao longo de seu contato com a sociedade brasileira e da dinâmica interna deste dialeto em se auto-organizar diante das novas exigências do mundo moderno. [O cap. 1.3. Teoria discute a ecolinguística conhecida até então, inclusive mencionando os meios ambientes natural, mental e social bem como um pequeno histórico da ecolinguística]. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/1511>

\* \* \* \* \*

**Célia Aparecida Faria de Almeida.** 2008. *A aquisição da linguagem por uma surdocega pré-linguística numa perspectiva sociocognitivo-interacionista*. Tese de Doutorado, UnB.

O presente trabalho consiste no estudo da aquisição da linguagem por uma surdocega pré-linguística numa perspectiva sociocognitivo-interacionista. A surdocegueira pré-linguística é aquela que é adquirida antes que o surdocego adquira uma língua, seja esta a oral ou a de sinais. No contexto da surdocegueira, a aprendizagem se torna um fenômeno complexo, e não temos um modelo para explicar a totalidade dos fenômenos, para compreender e suportar a maioria das investigações realizadas sobre o problema. A aprendizagem neste estudo retrata, então, a dialógica dos sistemas inatos e adquiridos, dos sistemas que se atualizam à luz da experiência, ou seja, na dependência do ambiente, da mediatização e dos sistemas que se especializam para vários fins. Portanto, como qualquer fenômeno psicológico, a aprendizagem de uma criança surdocega pré-

linguística só pode ser entendida a partir de uma gênese multifatorial, em que intervêm fatores biológicos, ambientais e fatores psicossociais. Esta posição se mostrou imperativa para o entendimento do processo de aquisição da linguagem por J., uma vez que devido à privação da visão e da audição, esta se dá em condições totalmente atípicas. Assim sendo, estaremos considerando as teorias com pesos diferentes na análise dos fatores, pois estaremos levando em consideração o momento em que este fator em discussão está ocorrendo durante o processo, e utilizando uma concepção dinâmica do potencial de aprendizagem e do desenvolvimento dessa criança surdocega. O estudo de crianças surdocegas nos leva ao conhecimento das variações no padrão de desenvolvimento, uma vez que este pode ocorrer em diferentes circunstâncias; por isso, levanta questões no tocante à direção e à natureza das intervenções terapêuticas e educacionais e se torna importante para aqueles preocupados com a prestação necessária de serviços especiais, tanto os educacionais como os de desenvolvimento. [O cap. “2.8.0 Ecologia da Linguagem” expõe brevemente a Ecolinguística]. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5723/1/2008\\_CeliaAFAlmeida\\_reduzida.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5723/1/2008_CeliaAFAlmeida_reduzida.pdf)

\* \* \* \* \*

**Ronaldo Manguiera Lima Júnior.** 2012. *A influência da idade na aquisição da fonologia do inglês como língua estrangeira por brasileiros.*

O presente estudo buscou investigar como o fator “idade no início da aquisição” influencia a aquisição da fonologia do inglês por alunos brasileiros que adquiriram essa língua estrangeira exclusivamente em salas de aula no Brasil e que estavam no último semestre de seus cursos de inglês no momento da coleta de dados. Participaram da pesquisa 10 alunos que começaram a estudar inglês antes dos 12 anos de idade, 10 que começaram entre 12 e 15, 10 que começaram após os 16, e 10 falantes nativos de inglês americano. Todos foram gravados lendo uma frase veículo com palavras que continham as vogais [i:, I, e, æ, u:, n], lendo um parágrafo, e falando espontaneamente. As vogais foram analisadas acusticamente com relação à duração e à qualidade espectral (F1 e F2), e as outras gravações foram julgadas em inteligibilidade e grau de sotaque estrangeiro por nove juízes. Ademais, todos os alunos responderam a um questionário que suscitou características extralinguísticas dos aprendizes, tal como motivação, vontade de soar como um falante nativo do inglês, grau de identificação com a cultura da L2, busca por exposição extra à L2, etc. Os dados foram analisados com base na Teoria de Sistemas Complexos e Dinâmicos para a aquisição de segunda língua (e.g. LARSEN-FREEMAN, 1997; DE BOT, 2008; CAMERON, 2003; ELLIS, 1998) e na fonética (acústico-)articulatória (BROWMAN; GOLDSTEIN, 1987, 1993; ALBANO, 2001). Os resultados de todas as análises mostraram uma grande queda na qualidade da produção fonológica entre os falantes nativos e os aprendizes que começaram mais cedo. Entre os aprendizes, contudo, os resultados não revelaram um único período crítico após o qual a aquisição fonológica seja igualmente difícil ou impossível, e sim uma tendência gradual de dificuldade em adquirir a fonologia do inglês-L2 acuradamente conforme a idade de início da aquisição aumenta. Alguns alunos de desempenhos excepcionais, com produções próximas ou iguais às de falantes nativos, foram encontrados. [Embora não mencione a palavra “ecolinguística”, a tese foi escrita no espírito da disciplina e das redes e sistemas complexos. Tanto que cita Couto, H. 2007. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente.* Brasília: Thesaurus]. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/12361>

\* \* \* \* \*

**Gilberto Paulino de Araújo. 2014.** *O conhecimento etnobotânico dos kalunga: Uma relação entre língua e meio ambiente.* Tese de Doutorado, UnB.

Esta tese se dedica ao estudo das relações entre língua e meio ambiente, tendo como base o léxico que compõe o conhecimento etnobotânico da Comunidade Quilombola Kalunga, situada na região nordeste do estado de Goiás. A pesquisa concentrou-se em dois agrupamentos do Território do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga: Engenho II e Vão de Almas. O objetivo geral é investigar se o processo de globalização, via influxo da cultura urbana, tem ocasionado transformações no conhecimento etnobotânico dessas comunidades. A base teórica é a Ecolinguística, disciplina que propõe o estudo da linguagem humana a partir do entrelaçamento entre os saberes da Linguística e da Ecologia. De maneira interdisciplinar, outras áreas dialogam e integram a fundamentação teórica do trabalho (Etnobotânica e Etnoterminologia), tendo em vista o caráter multifacetado do objeto da pesquisa: o conhecimento etnobotânico. A metodologia adotada pauta-se na abordagem qualitativa de base etnográfica por meio da imersão no território físico e cultural do povo kalunga, com o foco voltado para o processo de percepção e nomeação das plantas, e para a compreensão do valor que essas representam para a comunidade. Apesar das mudanças sociais, políticas, econômicas e ecológicas globais que têm afetado os ecossistemas e as culturas locais, as novas gerações do povo kalunga têm mantido e preservado seus saberes e tradições, algo percebido na intrínseca relação entre o léxico etnobotânico e a diversidade ecológica do território kalunga. [Tese inteiramente ecolinguística. Ela incluiu a “etnoecologia linguística” na linguística ecossistêmica, analisando sua parte “etnobotânica”. Pode ser usada em um curso de Ecolinguística]. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/16472>

\* \* \* \* \*

**Davi Borges de Albuquerque. 2014.** *A língua portuguesa em Timor-Leste: Uma abordagem ecolinguística.* Tese de Doutorado, UnB.

A língua portuguesa é a língua oficial da República Democrática de Timor-Leste, juntamente com a língua Tetun, desde sua constituição de 2002. Porém, a influência lusófona na ilha de Timor data do ano de 1515, período em que os colonizadores portugueses chegaram pela primeira vez na ilha. Atualmente, sendo falada por cerca de 5% da população, aproximadamente 50.000 pessoas, a língua portuguesa é ensinada em todos os níveis da educação formal leste-timorense, mas se encontra ameaçada por questões de natureza política, econômica e ideológica. A presente tese pretende realizar um estudo da variedade do português falado em Timor-Leste (doravante PTL) para poder preservá-la, valorizá-la e descrever seus aspectos linguísticos mais notórios. Para tanto, será feito uso da teoria ecolinguística e seus diferentes métodos de análise, que contemplam diversas subáreas linguísticas e extralinguísticas, para que seja possível descrever o fenômeno da presença da língua portuguesa em Timor de maneira mais acurada, contemplando diferentes aspectos do objeto pesquisado. Lembrando que o fato de preservar a variedade da língua portuguesa falada em Timor-Leste é também de uma postura ecológica, visando a manutenção da diversidade linguística do português no mundo. Assim, após a introdução, é feita uma revisão bibliográfica crítica da ecolinguística, no capítulo 1. Os estudos sobre a língua portuguesa em Timor-Leste serão discutidos no capítulo 2. No capítulo 3, são discutidos aspectos da metodologia ecolinguística. No capítulo 4, é descrito o ecossistema linguístico local de Timor-Leste antes e depois do impacto da colonização europeia, seguido pela análise de quais



impactos foram esses. Após este capítulo, é feita a descrição do PTL, no capítulo 5. No capítulo seguinte, o capítulo 6, é analisada a ecologia da aquisição linguística e sua relação com o contexto em que ocorre a aquisição do português em Timor-Leste. O contato de línguas é um fator importante para se entender a situação linguística atual de Timor-Leste, assim, no capítulo 7 é estudada a ecologia do contato de línguas no país. Após este capítulo são feitas as considerações finais (Tese inteiramente ecolinguística; Não está disponível no acervo da BCE).

\* \* \* \* \*

**Altair Martins Gomes. 2015.** *A escrita oralizada dos anúncios populares em Ceilândia: Uma perspectiva ecolinguística.* Tese de Doutorado, UnB.

Esta tese apresenta um estudo ecossistêmico sobre a escrita oralizada dos anúncios populares na cidade de Ceilândia e em sua periferia, o Setor Habitacional Sol Nascente. Em uma abordagem ecolinguística, pretendeu-se examinar a relação entre língua, povo e território ao investigar os diversos fenômenos fonético-fonológicos encontrados nos dados e que podem ser observados nas formas vernaculares encontradas no Português Brasileiro. A metodologia empregada é a pesquisa de levantamento de dados por meio de Estudo de Caso em Ceilândia, cuja análise se desenvolveu a partir dos contínuos propostos por Bortoni-Ricardo. O corpus é constituído pelas variedades dialetais situadas no Contínuo de urbanização e foi avaliado de acordo com os traços gradual ou descontínuo, a depender de como esse vocábulo é constituído e onde se localiza na fala rural, urbana ou rurbarana. A cidade de Ceilândia foi escolhida por suas características migratórias, pela forma de organização urbana e porque é formada, em sua grande maioria, por nordestinos de background rural, o que nos permite averiguar a qualidade do movimento (descolamento) do contato de dialetos e os processos de difusão e focalização dialetais presentes no território [Tese inteiramente ecolinguística]. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/19120>

\* \* \* \* \*

**Marcelo Pinho De Valhery Jolkesky. 2016.** *Estudo arqueo-ecolinguístico das terras tropicais sul-americanas.* Tese de Doutorado, UnB.

Esta pesquisa objetiva apresentar um modelo diacrônico da diversificação linguística na região tropical da América do Sul, como também mapear as esferas de interação ali existentes durante a pré-história. Para este fim foi adotada uma plataforma arqueoeconolinguística de investigação, que se caracteriza pela compilação e integração de dados linguísticos, arqueológicos, antropológicos, (etno-)históricos e genéticos representativos da área de estudo numa perspectiva ecossistêmica – de modo que as evidências utilizadas para respaldar as explicações deste modelo sejam multidimensionais e, conseqüentemente, menos suscetíveis a ambigüidades interpretativas. Além disto, este estudo busca contribuir para o aprofundamento da área de estudos conhecida como Ecolinguística e, ao focar em sua dimensão diacrônica, propõe a incorporação de uma interface arqueológica nesta plataforma investigativa. Esta nova disciplina foi denominada arqueo-ecolinguística. A tese apresenta-se dividida em três partes e contém cinco capítulos. A parte I, com 2 capítulos, é um detalhamento da fundamentação teórico-epistemológica. Em §1 são apresentados os conceitos não linguísticos que fundamentam os estudos ecolinguísticos e em §2 são apresentados e aprofundados os fundamentos propriamente linguísticos desta área de estudos ainda emergente. A parte II, com 3 capítulos, encerra a investigação propriamente dita, que



objetiva a apresentação do modelo acima referido. §3 é uma caracterização arqueoeconolinguística do espaço-tempo em análise, onde estão contextualizadas as geografias física e humana. Para retratar a geografia humana na dimensão diacrônica, uma reconstrução da diversidade etnolinguística no momento da invasão europeia é associada a um panorama arqueológico detalhado. Em §4 são apresentados os dados e análises linguísticos e evidenciados os conjuntos etnolinguísticos que estiveram em contato durante algum momento da pré-história e §5 encerra a formalização do modelo arqueoeconolinguístico acima referido, com um mapeamento das esferas de interação que teriam emergido no período em análise. Enfim, a parte III apresenta as considerações finais a partir dos resultados alcançados. Tais resultados mostram uma ampla gama de situações de contato e explicitam que se desenvolveram duas tendências diametralmente opostas, associadas respectivamente aos Andes e às terras baixas tropicais a leste dos Andes: enquanto na primeira região houve uma tendência à homogeneização linguística, a tendência observada na última foi no sentido de uma aceleração da diversificação. Com o entrecruzamento dos dados multidisciplinares, pôde-se concluir (i) que os comportamentos evolutivos opositivos detectados nestas duas regiões foram diretamente motivados por características distintivas observadas nos três âmbitos (físico, social e mental) dos ecossistemas linguísticos reconstruídos para cada uma das mesmas e (ii) que tal tendência opositiva foi reforçada justamente em decorrência da influência sinérgica provocada pelo contínuo *feedback* de tais peculiaridades. Estas observações, em suma, comprovam a veracidade do caráter multidimensional do EFL e que a evolução linguística é intrinsecamente dependente e efetivamente motivada pela conjuntura de todas as dimensões de uma realidade ecolinguística qualquer [Tese inovadora: introduz o conceito de “arqueoeconolinguística” para uma aplicação dos princípios ecolinguísticos à reconstrução linguística. Discute a ecolinguística em relativo detalhe]. Disponível em:

[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/21671/1/2016\\_MarceloPinhodeValheryJolkesky.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/21671/1/2016_MarceloPinhodeValheryJolkesky.pdf)

\* \* \* \* \*

**Helem Andressa de Oliveira Fogaça. 2017.** *O ecossistema fundamental da língua mambae: Aspectos endoecológicos e exoecológicos de uma língua austronésia de Timor-Leste.* Tese de Dourorado, UnB.

Esta tese é uma descrição do Ecossistema Fundamental da Língua Mambae, uma língua austronésia falada por cerca de 190 mil pessoas que vivem na região central montanhosa de Timor-Leste. O principal objetivo é apresentar a análise da língua Mambae através da descrição da língua (análise endoecológica) e um panorama da situação ecolinguística (análise exoecológica), buscando responder as questões primárias desta pesquisa: Quem fala qual língua Mambae? Para quem? Quando? Onde? A abordagem utilizada é a da ecolinguística e seus diferentes métodos de análise, contemplando o tripé que compõe o ecossistema linguístico Mambae: Povo – Língua – Território. Após a introdução, o primeiro capítulo faz uma revisão bibliográfica da ecolinguística e detalha a metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa. O segundo capítulo descreve o Ecossistema Fundamental da Língua Mambae e o terceiro capítulo apresenta uma comparação lexical identificando as diferentes variedades do Mambae: Noroeste, Nordeste-Central e Mambae Sul. Do quarto ao décimo capítulo apresenta-se a descrição gramatical endoecológica da língua Mambae, utilizando a teoria básica da linguística. O décimo primeiro capítulo traz um estudo ecolinguístico, identificando as atitudes, o domínio de uso e a dinâmica sociolinguística do povo Mambae dentro de uma visão

exoecológica, esboçando um perfil da situação de uso da língua, os padrões de convivência e os processos de deslocamento dentro deste ambiente multilíngue. Após as considerações finais, encontram-se nos apêndices os dados da comparação lexical e um vocabulário Mambae-Português [Tese inteiramente ecolinguística]. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31396>

\* \* \* \* \*

**Genis Frederico Schmaltz Neto. 2017.** *Vale do Amanhecer como comunidade de fala: uma visão ecolinguística*. Tese de Doutorado, UnB.

Este estudo discute o conceito de Comunidade de Fala (doravante CF) aplicado a comunidade mística religiosa sediada em Brasília intitulada Vale do Amanhecer. Para analisá-la, adota-se o paradigma ecolinguístico de CF construído por Couto (2007-2017) dentro da Linguística Ecolinguística por ele praticada, a saber, o estudo das relações entre língua e meio-ambiente. Seu aparato metodológico trata-se de uma multimetodologia, isto é, permite que as técnicas usuais de etnografia se juntem à análise de documentos e estudo de caso, conforme os dados gerados na comunidade se mostram. A compreensão do que é língua e sociedade pela Linguística Ecolinguística perpassa o cerne da interação e por meio dela constrói para si regras interacionais gerais e específicas. Dessa forma, analisa-se o Vale do Amanhecer como um ecossistema, partindo da interação por meio de uma linguagem (L) entre seu povo (P) dentro do território (T) demarcado, observando o que a torna uma comunidade e o que pode diferenciá-la das demais CFs demarcáveis. A conclusão a que se chega é que o Vale do Amanhecer pode ser considerado CF pela sua constituição ecolinguística e que, ainda, é importante considerar seus aspectos espiritualistas como constituintes das suas regras interacionais específicas [Tese inteiramente ecolinguística]. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/31696>

\* \* \* \* \*

**Nathalia Martins Peres Costa. 2017.** *Etnoterminologia na língua Mundurukú (Tupí) : sistema de cura e cuidado na voz de pajés, parteiras e puxadores de desmentiduras*. Tese de Doutorado, UnB.

Esta tese instaura a epistemologia da Etnoterminologia, estabelecendo os princípios teóricos e metodológicos que orientam essa nova área do conhecimento já inicialmente proposta em Costa (2013) e Costa & Gomes (2011, 2013a e 2013b). Nossa teoria é sustentada pela análise dos etnotermos presentes no Sistema de Cura e Cuidados do povo Mundurukú, que nos foi descrito por um grupo de especialistas, a saber: pajés, parteiras e puxadores. A Etnoterminologia, tal como a concebemos aqui, tem um compromisso com o registro acurado das representações do sistema de saberes de um povo, na língua daquele povo. Nossos objetivos estão alinhados com os princípios de manutenção e preservação da língua Mundurukú, bem como da valorização da cultura, dos especialistas e de seus discursos e saberes. Este trabalho conta com a fundamentação teórica em Terminologia: as Teorias Comunicativa da Terminologia (TCT) e das Portas (TP) de Cabré (1996, 1999, 2002), a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST) de Temmerman (1997, 2000, 2004) e a Socioterminologia de Gaudin (1993) e Faulstich (1995); na Ecolinguística de Couto (2007) e na Etnolinguística de Gomes (2006); Rodrigues (1986); Underhill (2012). Expomos também o detalhamento das metodologias empregadas, a pesquisa etnográfica, as entrevistas abertas, as oficinas terminológicas (Gomes, c.p.) e a multimetodologia

(Couto, 2007). Ao fim, embasados nesses aspectos, propomos a análise de dados etnoterminológicos. Concluímos que existe um discurso especializado em língua Mundurukú, e este está etnoterminologicamente representado nesta tese. Ao preservar o conhecimento terminológico, acaba-se por compartilhar parte significativa do saber de uma etnia, de uma cultura [orientada por Dionei M. Gomes, esta tese usa o arcabouço ecolinguístico para estudar a etnoterminologia munduruku].

Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31562>

\* \* \* \* \*

**Cíntia da Silva Pacheco. 2014.** *Alternância nós e a gente no português brasileiro e no português uruguaio da fronteira Brasil - Uruguai (Aceguá)*. Tese de Doutorado UnB).

O objetivo desta pesquisa é identificar e analisar a entrada do pronome a gente na comunidade bilíngue uruguaia em Aceguá (fronteira Brasil-Uruguai) e verificar se esse fenômeno constitui um elemento ratificador da variedade do português uruguaio da fronteira e se aproxima do português brasileiro da fronteira e do restante do Brasil. A hipótese principal é de que se trata de uma mudança linguística recente na variedade do português uruguaio, mesmo porque até então não havia registros de a gente como pronome, mas apenas como item lexical, semelhante ao que acontece no espanhol (ELIZAINCÍN 1987, p. 85). O marco teórico da pesquisa é a Teoria da Variação, proposta por Labov (1972), a Teoria da Mudança Linguística, desenvolvida por Weinreich, Labov e Herzog (1968), e o estudo sobre o contato linguístico do ponto de vista da variação linguística, que tem como precursoras Poplack (1993) e posteriormente Meyerhoff (2009). A análise quantitativa dos dados, obtidos por meio de entrevistas, é feita através do novo pacote de programas Goldvarb-X (SANKOFF, 1988; SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). A análise é complementada com uma discussão sobre a identidade sociolinguística da fronteira a respeito da inserção do pronome a gente na comunidade uruguaia como sujeito discursivo sem ferir a identidade múltipla e fluida dos moradores da fronteira. O resultado estatístico indica que, no nível linguístico e social, o português brasileiro e o português uruguaio (sem os falantes categóricos de nós) são semelhantes quanto ao favorecimento do pronome sujeito a gente nos contextos de: (i) faixa etária jovem, (ii) sujeito explícito, (iii) referência genérica, (iv) dados de a gente precedidos de a gente, (v) tempo verbal do presente. A função sintática e a concordância verbal são analisadas apenas em percentagens, e o sexo não foi selecionado em nenhuma análise. O resultado aponta para uma diferença social e duas linguísticas. No primeiro caso, a análise uruguaia com todos os falantes mostra os adultos favorecendo o uso de a gente por questões de mobilidade social e pela existência de falantes categóricos. A diferença linguística está no tempo verbal, já que o pretérito perfeito sem neutralização favorece o uso de a gente na análise uruguaia e desfavorece na análise brasileira; e no tipo de referência, já que não é selecionada na análise uruguaia, mas é selecionada na análise brasileira. Portanto, os resultados obtidos apontam semelhanças e diferenças importantes nas duas comunidades de fala da fronteira Brasil-Uruguai, que as aproximam e as individualizam [a seção 6.1, sob o título “As identidades, os territórios e a Ecolinguística” inclui a visão ecolinguística, como se vê]. Disponível em:

[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17791/1/2014\\_CintiadaSilvaPacheco.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17791/1/2014_CintiadaSilvaPacheco.pdf)

\* \* \* \* \*

### III. Teses em andamento na UnB

**Cleber César da Silva.** 2020. *A relação entre língua e meio ambiente nos hidrônimos do estado de Goiás*. Tese de Doutorado, UnB.

Esta pesquisa centra-se nas relações entre língua e meio ambiente a propósito dos hidrônimos das quatro bacias hidrográficas do estado de Goiás. São elas: Rio Araguaia, Rio Paranaíba, Rio São Francisco e Rio Tocantins. O objetivo é identificar as relações entre os designativos de lugares e respectivos fatores contextuais que, por ventura, possam conter indícios da motivação toponomástica. Para levantamento dos cinquenta hidrônimos, utilizamos, inicialmente, a base digital do Instituto Mauro Borges de Estatística e Estudos Socioeconômicos (IBM), disponibilizada no Sistema Estadual de Geoinformação (SIEG), na escala de 1:2.500 000 os mapas do Sistema de Informações Geográficas do Estado de Goiás – Superintendência de Geologia e Mineração (SIC), e na escala de 1:1.000.000 os mapas de Drenagens da Base cartográfica, IBGE – Drenagens da Base Cartográfica Vetorial Digital ANA. O aparato metodológico centra-se na multimetodologia (ecometodologia), que permite que as técnicas da onomasiologia se juntem às interpretações e análises de mapas e fontes históricas. Com base no levantamento bibliográfico o arcabouço teórico está alicerçado nos fundamentos epistemológicos da ecolinguística. Na revisitação da história e geografia de Goiás estão as narrativas dos viajantes Casal (1976), Gardner (1975), Saint-Hilaire (1937, 1974, 1975). Para interpretação dos hidrônimos se fez necessário o uso de dicionários, como os de Bechara (2011), Cunha (2007), Dubois (2004), Guerra (1993, 2011), Houaiss (2004, 2011), Oliveira (1922), Tibiriçá (1985) e Sampaio (1987). Em consonância com os objetivos de interpretar os hidrônimos do estado de Goiás via ecolinguística e a toponomástica, observamos as noções pertinentes à elaboração das classificações topossemânticas e, assim, viu-se que o ato de nomear um acidente hidrográfico, o hidrônimo, passa é mediado pela população, ou seja, o nome (L) só emerge através de P referindo-se a ele (T) [*Tese inteiramente ecolinguística*].

\* \* \* \* \*

**Tadeu Luciano Siqueira Andrade.** *A vulnerabilidade comunicativa em audiências nas varas de relações de consumo: Uma análise à luz da Ecolinguística e do Direito Sistêmico. uma análise à luz da Ecolinguística e dos Direito Sistêmico.*

As relações sociais ocorrem em um determinado espaço físico, envolvendo ações e diferentes sujeitos. Essas relações se dão por intermédio da língua. Sem língua, o homem não expressa seu pensamento, tampouco interage no ambiente onde vive. Não há língua sem falantes, e falantes sem língua. Tudo está ligado diretamente porque, apesar de definirmos a língua como o modo pelo qual os membros da comunidade comunicam entre si e com o meio ambiente, o aspecto sistema não fica excluído, conforme postula Couto (2009, p. 127). Para as relações ocorrerem, é preciso que os sujeitos interajam no ecossistema linguístico formado por pessoas, espaço e língua, considerando o triângulo interativo proposto por Couto (2009): **língua, povo e território**.

Para esta pesquisa, adotaremos a vulnerabilidade comunicativa, que, apesar de não ser definida pela doutrina, está presente na maioria dos consumidores e é influenciada pelo contexto/falantes/situação. Fundamentando-nos em Couto (2009), consideramos a tríade contexto/consumidor/fornecedor como o “ecossistema jurídico-consumerista”, uma vez que envolve uma situação composta por **agentes** (consumidor/fornecedor/Juiz) **interações** dadas pela linguagem em um **contexto jurídico** (ambiente). O nível

linguístico-intelectual, tecnológico e argumentativo dos sujeitos afeta as relações jurídicas. Por isso, definirmos a vulnerabilidade comunicativa nas relações jurídico-consumeristas em audiências nas Varas de relações de Consumo (Tribunal de Justiça – Bahia) como o ponto de partida desta pesquisa. Nesta pesquisa, dialogaremos com os pressupostos teórico-metodológicos de três áreas do conhecimento que possibilitarão nossas análises e considerações: a Ecolinguística, por considerar as relações entre a língua, povo e território, o Direito do Consumidor, por levar em conta as relações de consumo à luz do diálogo das fontes, doutrina alemã, que integra o direito com outras fontes, exceto a lei, o direito sistêmico haja vista as redes que integram o sistema jurídico [Tese de Doutorado em andamento].

\* \* \* \* \*

**Anderson Nowogrodzki da Silva.** *Interação comunicativa virtual: avatares e simulacros virtuais na formação de redes digitais.*

Este trabalho busca observar o modo como as interações comunicativas são transpostas da realidade física, em que se manifestam por meio da interação face a face, para a realidade virtual, em que o corpo se estende a representações digitais das identidades dos usuários, dando forma à interação comunicativa virtual, manifesta nas redes sociais digitais. Entender o processo de virtualização das interações comunicativas é fundamental para que se compreenda a dinâmica das redes sociais digitais e os efeitos das relações virtuais na realidade física. Por isso, a Ecolinguística se apresenta como uma teoria significativa para este estudo, na medida em que, segundo Couto (2016), olha-se para as interações comunicativas na realidade física como constituintes de um ecossistema linguístico, ou seja, uma rede de relações antropogênicas que se apoia no entrelaçamento e na integração entre um povo, um território e uma língua (enquanto forma regular de interagir). Partindo desse pressuposto, é possível entender que o processo de virtualização das relações só será possível por meio da desterritorialização, ou seja, a adaptação de uma das bases do ecossistema linguístico, o território. O ecossistema abre espaço para a virtualidade como uma extensão de si, provocando um afastamento corpóreo entre os falantes e dando forma a complexos interacionais virtuais. Os aparelhos eletrônicos podem ser caracterizados, portanto, como suportes na mediação das interações entre usuários das redes sociais digitais. Demanda-se, assim, a reestruturação do sistema de interações comunicativas, pois o corpo, como uma parte do ecossistema linguístico, não está presente na realidade virtual. Cria-se a necessidade de desenvolver novas formas de interagir nas redes sociais digitais que não sejam mobilizadas pelo corpo, mas por ferramentas digitais que possibilitem ao usuário se projetar numa máscara digital, num avatar, que o representa, permitindo que ele se revele enquanto indivíduo subjetivado e integre comunidades virtuais, assegurando sua existência num mundo de abstrações. Amparada por uma abordagem qualitativa, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender e expor o modo como acontece a transposição da interação comunicativa face a face para a interação comunicativa virtual, evidenciando suas características, a fim de clarificar a nova dinâmica estabelecida pela emergência da realidade virtual no século XXI, além de constatar os efeitos desse complexo virtual na realidade física. Para tanto, foram traçados os seguintes objetivos específicos: a) apresentar o ecossistema linguístico e o modo como a interação comunicativa face a face se dinamiza dentro de comunidades de fala, aplicando, para tanto, conceitos teórico-epistemológicos da Linguística Ecossistêmica; b) observar o modo como a interação comunicativa virtual se estabelece nas redes sociais digitais, por meio do processo de virtualização das relações e da

desterritorialização do ecossistema linguístico, descrevendo as ferramentas interacionais que emulam regras interacionais na realidade virtual; e c) verificar o modo como a realidade virtual é constituída por meio de verdades que lhe são próprias e de sujeitos que projetam suas identidades, analisando, para isso, o movimento social neoteu, enfocando a Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA), um grupo do Facebook que é estruturado como comunidade virtual [Tese de Doutorado em andamento].

\* \* \* \* \*

#### **IV. Participação de Membros do GEPL e do eixo Brasília-Goiânia no “The 4<sup>th</sup> International Conference on Ecolinguistics, Suddansk Universitet (Universidade do Sul da Dinamarca), Odense, 12-15 de agosto de 2019.**

##### **The "Ecology of Communicative Interaction" in the newspaper "O Popular"**

Lutiana Casaroli, *Federal University of Goiás, Brazil.*

The general objective of this research is to analyze the "Ecology of Communicative Interaction" in the newspaper "O Popular". The theoretical basis that supports the proposal is Ecolinguistics or Ecosystemic Linguistics worked by Couto (2007, 2015, 2016) and Nenoki do Couto (2012, 2016). Therefore, the ecological paradigm, the deep ecology and the ecological vision of the world are adopted as inspiring theoretical sources. The methodology of Ecosystem Linguistics can be multiple, here we will adopt the analysis and description of the data applied to six categories of analysis that are the elements of the ecology of the communicative interaction: scenario, speaker (S) and listener (L), subject, systemic and communion. The corpus of analysis is composed of one publication of the newspaper "O Popular", on April 4, 2016, which has as its subject or content the journalistic media itself. From a descriptive analysis of the Ecology of Communicative Interaction of the printed newspaper "O Popular", one can conclude that although the interaction is not prototypical, being of the almost mediated type, it can be noticed that the core of the language is maintained, in a particular way, but giving guarantees so that the acts of communicative interaction are maintained in time and space in the name of survival.

\* \* \* \* \*

##### **Ecological Preservation in Folk Narratives in the Light of Ecosystem Linguistics**

João Nunes Avelar Filho, *Federal University of Goiás, Brazil.*

The narratives presented in this paper intend to understand a bit of the mysteries of Brazilian peasant life unraveling its beauty and its magic through interaction between man and environment. They are narrated in popular manifestations like folk dance and popular religiosity supplication, but also revealed through legends of people from the interior. In the early days local country man had a closer relationship with nature, so these narratives mainly served as an apparatus for ecological preservation. This approach here emerges from the necessity of demonstrating that since long ago preservation somehow existed, whether conscious or not. Based on language ecology whence it is possible to identify concepts such as sustainability and diversity the present analysis takes into consideration Ecosystem Linguistics of Couto (2012), searching to express



thus a world ecological vision.

Keywords: Ecolinguistics. Folk Narratives. World Ecological Vision. Preservation.

\* \* \* \* \*

**The Mystic Narratives of Popular Culture and Gaia's Hypothesis: a paradox  
"it is God's attribution for maintaining life but it is man's duty to act and live  
as regulators of the planet"**

*João Nunes Avelar Filho, Federal University of Goiás, Brazil.*

The mystics of Popular Culture think like the mechanists of Cartesian Physics who have adopted the Newtonian metaphor of God as a Watchmaker, but at the same time they behave as operators who provide balance maintaining life in their environment through their narratives, either consciously or unconsciously. By adopting a greener instance in their daily work and their cultural festivities in the countryside, their narratives unintentionally highlight Gaia's theory of self-regulation of life in the planet (James Lovelock and Lynn Magilus, 1991) and the concept of autopoiesis as the organization of the living and non-living systems (Chileans Maturana and Varela, 1986).

\* \* \* \* \*

**"From mud to chaos": an approach to the socio-environmental disaster of  
Brumadinho (Minas Gerais - Brazil) from the perspective of Ecosystemic Discourse  
Analysis**

*Gilberto Paulino de Arai.ijo, Federal University of Tocantins, Brazil.*

The environmental disaster in the city of Brumadinho (Minas Gerais - Brazil) reveals negligence on the part of the mining company Vale and the Brazilian State regarding compliance with basic safety standards, care for human lives and the environment in areas of mineral exploitation. Among the reports and newscasts of different communication channels, there are many evidences of inspection problems and monitoring of the conditions of the dams scattered throughout Brazilian territory. In summary, the risk of further damage from mining tailings is imminent and is not just an isolated case. Therefore, the present work has the objective of analyzing the news by two Brazilian television channels (Jornal da Globo and Jornal Nacional) regarding the coverage of the Brumadinho Dam rupture from the perspective of the Ecosystemic Discourse Analysis (COUTO N., ALBUQUERQUE, 2015, COUTO, COUTO N., 2016, COUTO, 2017, among others). The methodology is based on bibliographical review and analysis of news and/or reports broadcasted through television media of one of these two open channels in January and February 2019. An additional bibliographical reference is Boff (2008) in order to highlight the impacts caused to the environment as well as to the populations not only of humans but also of vegetation, earth and water microorganisms. Including the soil itself was highly damaged for a long time ahead. All this due to excessive exploitation of natural resources.

\* \* \* \* \*

## **Ecosystemic Linguistics and Discourse Analysis**

*Hildo Honório do Couto, University of Brasília, Brazil*

The purpose of this talk is to present Ecosystemic Linguistics and Discourse Analysis. I intend to show that Ecosystemic Linguistics (EL) does not reify language, like many theories of language which see in it a tool or an instrument of communication. For EL language is communication, or communicative interaction. This is because it is a radical ecological theory of language: it does not use ecological concepts metaphorically in the study of language phenomena. The central concept of biological ecology is ecosystem. The central concept of ecosystem is not the population of organisms or their environment, but the interactions that obtain among them, on the one hand, and between them and the world. The linguistic ecosystem is exactly like the biological one: it consists of a population/people (P), its territory (T) and the interactions among/between them. The central concept of the linguistic ecosystem is these interactions: person-world interaction (reference) and person-person interaction (communication). In order to be able to look at the language phenomena from a holistic point of view, the ecosystemic linguist enters the ecological view of the world through this integral ecosystem of language, which contains the social, the mental and the natural ecosystem of language.

\* \* \* \* \*

## **V. Eventos**

De 21 a 22 de maio, 2020, haverá o Internatiobal Workshop *CHANGING THE (CULTURAL) CLIMATE WITH ECOCRITICISM AND ECOLINGUISTICS*, no **Department of Humanistic Studies, da University of Ferrara, Itália.**

Solicitam propostas nas seguintes áreas, mas não só:

Topics and areas of research include:

Climate change fiction

Climate change and visual culture

Ecopoetry

Ecology and the theatre

Ecology and performativity

Ecosomatic approaches

The formation of ecological identity

Opinion formation on environmental issues

Public awareness and social media

The sustainability of heritage

Acrescentam que são bem-bindas contrituições de estudiosos de Ecocrítica, ecofeminismo, estudos culturais verdes, estudos da mídia, semiótica, estudos de tradução, análise do discurso crítica, linguística de corpus, estudos sobre herança e ecoturismo. Propostas podem ser enviadas a [paola.spinozzi@unife.it](mailto:paola.spinozzi@unife.it), [leonora.federici@unife.it](mailto:leonora.federici@unife.it)

\* \* \* \* \*

**O V Encontro Brasileiro de Ecolinguística** (V EBE) está previsto para este ano de 2020. Provavelmente ele seja realizado na Universidade Federal do Tocantins, em Palmas.

\* \* \* \* \*

## **VI. Outras informações**

**Ecolinguística na Wikipedia:** Já está disponível na *Wikipedia* o verbete “Ecolinguística”, elaborado por Hildo H. do Couto e Anderson Nowogrodzki da Silva. Trata-se de mais um material à disposição para pesquisas sobre nossa disciplina. Para acessá-lo, eis o endereço:

Wikipedia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ecolinguística>